



**X COLÓQUIO
INTERNACIONAL**
"Educação e Contemporaneidade"
22 a 24 de Setembro de 2016
São Cristóvão/SE - Brasil



ISSN: 1982-3657

REFLEXÕES SOBRE A PRESENÇA DA TRAVESTI NO CONTEXTO ESCOLAR

JOSEVAL DOS REIS MIRANDA

CRISLAINE DE SOUZA ATAIDE

EIXO: 10. EDUCAÇÃO, CORPO, SEXUALIDADE, GÊNERO

Resumo: O presente trabalho buscou identificar e analisar como é constituída a vivência da travesti no contexto escolar. A pesquisa buscou trazer o ponto de vista dos estudantes, professores, funcionários e gestores quanto à participação e o convívio da travesti no contexto escolar. Nossos objetivos foram: compreender como é constituída a vivência da travesti no contexto escolar, analisar como a travesti se relaciona e interage no contexto escolar e analisar quais as dificuldades e as possibilidades enfrentadas pela a travesti no contexto escolar. A metodologia foi de cunho qualitativo por meio da entrevista semiestruturada e também por meio das observações participantes. Nossos aportes teóricos constituíram-se de autores como: Nunes (1987), Benedetti (2005), Pelúcio (2009), Kulick (2008), Louro (1997) silva (2000;2001) e outros. Os resultados apontam que que atitudes discriminatórias nas escolas são habitualmente comuns para a pessoa da travesti, os alunos a interiorizam. Os professores buscam nas suas possibilidades suavizar essa situação com advertência e reclamações, porém ficou notório a falta de formação docente para o trabalho e o respeito para com a diversidade no contexto escolar. **Palavras chave:** Travesti. Contexto escolar. Sexualidades. **Resumen:** Este estudio tuvo como objetivo identificar y analizar la forma en que se hace la parodia de la experiencia en el contexto escolar. La investigación buscó llevar la perspectiva de los estudiantes, profesores, personal y administradores con respecto a la participación y la farsa de la vida en el contexto escolar. Nuestros objetivos fueron comprender cómo y hacen una parodia de la experiencia en el contexto de la escuela, para analizar cómo se relaciona el travesti interactúan en el contexto escolar y analizar cuáles son las dificultades y oportunidades que la travesti en el contexto escolar. La metodología fue aproximación cualitativa a través de entrevistas semiestructuradas y también a través de

observaciones participantes. Nuestro marco teórico consistió en autores como: Nunes (1987), Benedetti (2005), Pelúcio (2009), Kulick (2008), Rubio (1997) Silva (2000; 2001) y otros. Los resultados muestran que las actitudes discriminatorias que en las escuelas suelen ser comunes a persona travesti, los estudiantes internalizan. Los maestros buscan en sus posibilidades de suavizar esta situación con precaución y quejas, pero fue notoria la falta de formación de los docentes para el trabajo y el respeto por la diversidad en el contexto escolar. **Palabras clave:** Travesti. Contexto escolar. Sexualidades.

Primeiras palavras O presente trabalho buscou identificar e analisar como é constituída a vivência da travesti no contexto escolar. Esse tema surge de uma inquietação enquanto futura pedagoga sobre a necessidade de conhecer mais sobre o tema, fazendo-se presente este, parte do cotidiano de muitas famílias como também existentes nas várias instituições de ensino. O conceito da sexualidade faz parte do nosso comportamento, ela faz parte da liberdade em nosso usufruto deste mundo, a presença da sexualidade se manifestando em todas as fases da vida sem distinção de raça, cor, sexo ou deficiência. O aumento dos impulsos sexuais vem durante a puberdade com o desenvolvimento sexual e para a travesti isso é um problema, porém o que se pode notar é que as pessoas tem certo receio em assumir sua sexualidade por medo de preconceitos que serão enfrentados perante a sociedade. A sexualidade humana não se encontra jugulada ao determinismo animal, não se restringe apenas ao natural ela tem a capacidade de transcender todo este campo, entretanto ela contém a intencionalidade, no sentido da consciência e de conhecimento de sentido, no sujeito humano. As instituições sociais são sempre uma edificação enquadadora das classes influentes que expandem esforços metódicos e cotidianos para reportar as estruturas e os papéis tradicionais através da família, da linguagem, das noções básicas culturais, da escola, do trabalho, da religião etc. Contudo, em todo esse transbordo encontra-se organizados um papel sexual moldado, paradigmático, ao qual deve se encaixar os indivíduos. Sendo assim, não existe um tempo determinado para se iniciar a educação sexual tendo em vista que já nascemos seres sexualizados, no entanto, não podemos prosseguir com uma visão avarenta enfrentando as crianças como seres assexuados e ocultando o nível de tensão e veemência que lhe diz respeito. A escola é um espaço duvidoso e se encontra presa ao Estado. Porém, por outro lado cristaliza e pode assumir corpo o saber conservado dos novos padrões e valores, na medida em que os elementos intelectivos orgânicos que ali se encontram aconselham produzir a análises das estruturas tradicionais de sua variante conjunturais no processo educativo da criança, do adolescente e do jovem. Na a atual sociedade brasileira, a sexualidade, ainda é um dos elementos causadores de desigualdades. É evidente que os estabelecimentos sociais são sempre uma construção enquadadora das classes influentes que ampliam esforços metódicos e habituais para reproduzir as estruturas e os papéis tradicionais através da família, da linguagem, das noções básicas culturais, da escola, do trabalho, da religião etc. A análise qualitativa foi a abordagem

escolhida por investigar uma realidade que não pode ser quantificada. Esse tipo de análise trabalha com o universo de significados, valores, crenças e atitudes, correspondendo a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos aos quais não podem ser restringidos à operacionalização variáveis (MINAYO, 2001). Em relação ao desenvolvimento da pesquisa, ela foi realizada por meio de trabalho de campo e o estudo bibliográfico. Neste sentido, Gil (2002, p. 129) relata que “não há como definir a priori as etapas a serem seguidas em todas as pesquisas dessa natureza. Isso porque, a especificidade de cada estudo, acaba por ditar seus próprios levantamentos”. Os indivíduos que participaram desta pesquisa foram pessoas que se dispuseram a corroborar com os resultados obtidos sendo eles: uma (1) travesti, três (3) professores da rede pública, e cinco (5) alunos do terceiro ano. Esses interlocutores foram escolhidos por se fazerem presente no cotidiano escolar no qual a travesti está inserida. **Tecendo reflexões sobre o que é Travestilidade** As travestilidade são acedidas como uma contravenção da ordem “adequada” dos sexos, visto que demonstra a quanto suposta naturalidade reivindicada só é real no próprio discurso biologizante, que procura legitimar as diferenças sociais na realidade biológica dos sujeitos. Assim ao travestir-se, o indivíduo seja ele um homem ou uma mulher – biologicamente - está sujeito a um sistema de vida do sexo que ele (ou ela) passa a representar, apesar dessa modificação não tenha constituído uma intervenção sobre o sexo biológico, como ocorre no caso da transexualidade. É válido ressaltar as diferenças entre: *travesti*, *transexuais* e *transformistas*. Travesti são aquelas que geram alterações nas formas do seu corpo tendendo a deixá-lo o mais idêntico plausível com os das mulheres; vestem-se e vivem cotidianamente como pessoas pertencentes ao gênero feminino sem, no entanto almejar explicitamente entrar com recurso à cirurgia de transgenitalização para retirar o pênis e construir uma vagina. Em embate, a fundamentais particularidades que determina as transexuais nesse meio é a reivindicação da cirurgia de mudança de sexo. As transformistas, por sua vez, geram interferência leves que podem ser ligeiramente extinguidas ou revertidas sobre as formas masculinas do corpo. Assumem as vestes femininas exclusivamente em ocasiões específicas, ou seja, não faz parte dos valores e práticas associada às transformistas, por exemplo, circular durante o dia “montada”, ou seja, com roupas e aspecto femininos. Essa prática, segundo o ponto de vista oriundo, está absolutamente pautada com as travestis e com as transexuais. A travestilidade surge como uma questão importante, tendo em vista que desestrutura, expressivamente, as teorizações catalogadas numa concepção biológicas das sexualidades, que querem pautar a identidade masculina e/ou feminina aos atributos genitais que o indivíduo apresenta. Isto fica claro na fala da nossa entrevistada Gaby quando perguntei a ela em que momento da sua vida você decidiu assumir-se como travesti:

Eu me assumi como travesti aos meus 14 anos de idade, porque é uma opção minha eu desde pequeno sempre senti atração por homens, e eu não era feliz usando roupas masculinas porque eu não mim sentia um menino sabe, então chegou um tempo em que não dava mais para suportar aquela

situação (Gaby, travesti).

Diante a fala da Gaby percebemos a insatisfação da mesma com relação ao seu sexo biológico no qual ela se sentia dentro de uma carapaça vivendo um completo desprazer com seu eu. As múltiplas diferenças e particularidades vivenciadas pelas pessoas desta natureza social não podem ser restringidas a hierarquias ou aprovações unificadoras, pois estas, ao torna-se isomorfos visões de mundo e identidades às vezes até antagônica, podem ser arbitrária. As "alterações de gêneros" firmam-se cada vez mais como um tema/campo solidificado no cerne da antropologia. As experiências de circunscrição e interpretação das "alterações de gêneros" aparecem já primeira metade do século XX, com as descrições abundantes, ainda que ambíguas, sobre a "instituição das berdaches" entre algumas sociedades "simples" da América do Norte (BENEDETTI, 2005). As berdaches eram indivíduos que, nascido homens, incidiam a adotar vestes e condutas femininas, executavam tarefas e atividades claramente propostas às mulheres e faziam sexos com os homens, comumente na função passiva. Esses sujeitos eram distinguidos pertencentes ao gênero feminino e gozavam de papéis sócias autênticos, e, às vezes, peculiares nas culturas em que viviam. As berdaches se tornaram um caso etnográfico moderno de circunscrição na disciplina antropológica e nos estudos de gêneros, principalmente para o que hoje, didaticamente, se designa "Escola Culturalista" (BENEDETTI, 2005). A força do movimento feminista nos anos 60 estimulou a edificação de novos protótipos nas áreas das ciências sociais e das humanidades. Um desses novos protótipos – sem dúvidas, um dos mais frutíferos e conhecidos – foi à ideia de gênero ou a divergência do conceito de sexo em níveis distintos. O conceito de gênero importunou amplas modificações e conduções tanto no nível político e das relações entre homens e mulheres, cujas novas dinâmicas são incontroversas, como no pensamento e na preparação teórica sobre o social. A partir da formulação e do emprego do conceito de gênero, a Antropologia e as Ciências Sociais

incidiram a apropriar-se e explorar novos temas e objetos, causando às análises novas explicações sobre as diferenças entre homens e mulheres, sobre o corpo, o sexo e as relações sociais. A partir dos anos 90, concretizaram-se estudos que, empregando novas explicações sobre as concepções do corpo, do gênero e da sexualidade, promoveram avanços e deslocamento teórico nas expectativas sobre as transformações do gênero. Os enfoques antropológicos trouxeram novas adjacências às questões relativas às travestis, que continuaram por muito tempo como império quase particular da medicina e da psicologia e sob a concepção da transformação do gênero como um processo “patológico”. A Antropologia cede à abrangência desse fenômeno uma perspectiva mais sociocultural, pouco conquistada nas instituições, nos meios de comunicação de massa e entre o senso comum, que ainda tendem a reforçar as visões essencialistas sobre o assunto, reduzindo as explicações a argumentos de ordem estritamente biológica, quando não moral. (BENEDETTI, 2005) Refletir sobre a questão do corpo das travestis é fundamental para o entrosamento da problemática encenada no social. O corpo é um espaço político, por conseguinte, de grande interesse para a sociedade. O corpo da travesti pode ser refletido como parte dessa capitalização dos corpos, num contexto de disputas políticas. O princípio que anseia definir o biológico como a base cultural, torna-se precário. O corpo também é uma construção cultural, social e historicamente centrada, executável num apurado contexto de condições possíveis; bem como os usos que se faz desse corpo. Ao servirem de seus corpos, as travestis corroboram, mais uma vez como o gênero é um fruto de uma construção social, desautorizando qualquer fala que reivindique a natureza como alicerce explicativo. As travestis, quando determinam se modificar-se física e socialmente, são, com certeza, um exemplo dessa assertiva. É no corpo que elas fixam os fundamentais emblemas do masculino e do feminino; e investem informação, tempo e dinheiro pra que possam assumir sentir e

exibir um corpo diferente, um novo corpo. Segundo a nossa entrevistada Gaby quando perguntei sobre como começou seu processo de travestilização, ela mencionou:

Há! Começou quando minhas amigas me deram roupas femininas, aí comecei usar batom, calcinha, salto e deixei o cabelo crescer, comecei a fazer as unhas, como eu era jovem demais e não trabalhava, foram as minhas amigas que doaram as roupas. (Gaby, travesti). Ou seja, podemos perceber a busca pelo corpo no qual ela se sintam bem, tendo em vista que Ser travesti é um artifício, que nunca se encerra. Arquitetar um corpo e cuidar dele é uma das máximas apreensões das travestis, pois, elas estão sempre procurando o que chamam de perfeição, o que significa passar por mulher. E não por alguma mulher, mas por uma linda e desejável. O corpo das travestis é, especialmente, uma linguagem; é no corpo e por meio dele que os significados do feminino e do masculino se materializam e entregam à pessoa suas qualidades sociais, entretanto é no corpo que as travestis se determinam enquanto sujeitos. As contradições corporais são muitas e vivenciadas de diferentes formas, o processo de mudança sempre ocorre primeiro pelas mãos e pelo rosto; nas mãos inicia-se um trabalho intenso com as unhas. O esmalte realçado ainda é um artigo intensamente associado às mulheres em nossa sociedade as travestis normalmente escolhem as unhas longas e pontiagudas. A maquiagem tem uma função formidabilíssimo; além de ser uma prática de acordo com a história integrada ao feminino em nossa sociedade e cooperam para destacar ou camuflar determinados traços do rosto, exerce a função eficaz de esconder os pelos da barba. (BENEDETTI, 2005). Outra questão é a voz, pois a mesma é outro atributo que denuncia a categoria biológica da travesti, ou seja, em muitas circunstâncias é a voz que denuncia a travesti. A alteração da fala é feita forçando-se diariamente a voz, de forma que as palavras e os fonemas sejam proferidos num tom mais agudo, normalmente em falsete. Com o hábito, a nova adequação da voz acaba se atribuindo, e elas utilizam esse tom agudo no dia-a-dia. Segundo nossa entrevistada ela menciona como se veste e sobre a sua voz:

Gosto de usar roupas bastante extravagantes para chamar atenção mesmo sabe, adoro andar sempre bem maquiada, e forço bastante a minha voz para ficar fina, no início doía minha garganta sabe, mas agora já mim acostumei. (Gaby, travesti). Para uma boa montagem, não satisfaz usar tais

vestidos ou tal sapato o que importa para as travestis é ter estilo que para elas é uma personalidade que vai sendo arquitetada a cada esforço praticado no processo de modificação de gênero. O estilo é quase uma individualidade. É um conjunto de precedência e maneiras que a princípio, é a impressão daquela pessoa e a maneira como ela pretende ser representada para os outros atores sociais com quem convive e para toda sociedade. As roupas são um satisfatório meio de comunicação, adotando também a pessoa de diferentes atributos sociais segundo Benedetti:

É por meio das roupas e dos acessórios que se pode identificar o sexo, a idade, a posição social de uma pessoa. Estes são, de fato, símbolos importantes da cultura de um grupo, uma vez que servem para localizar e diferenciar, no universo amplo da cidade, as pessoas que dele fazem parte. (BENEDETTI, 2005, p.72). Quando perguntamos a Gaby se em algum momento ela sentiu medo dos preconceitos que viriam a ser enfrentados perante a sociedade, ela deu a seguinte resposta:

Sim, pois sabemos que este nosso universo é discriminado e que tem grupos de hetero que tem uma aversão tão grande ao meu grupo que chega a nos agredir sem termos feito mal algum pra eles a não ser atingir a classe deles como eles falam sabe, mas por outro lado na minha consciência as pessoas teriam que me aceitar normalmente, porque quem dá nossa moral somos nós mesmos. (Gaby, travesti).

Desse modo, em meio a fala fica evidente que para ela, as pessoas teriam que aceitá-las como mulher independentemente do sexo biológico dela por que o que importa para ela são sua postura e atitudes no meio social no qual ela está inserida. As travestis são uma fração da sociedade "negligenciada" pelas políticas públicas, cujo cotidiano é assinalado por discriminação, isenção e violência, que acaba influenciando na constituição e na formação da própria identidade. Portanto, faz-se imprescindível uma interlocução entre a Política Nacional da Saúde com as demais políticas sociais, para concretizar e garantir os direitos e para que todos os cidadãos e cidadãs sejam reconhecidos independentemente da sua identidade de gênero. Essas lutas pelos novos direitos se configurariam num processo social no qual a liberdade torna-se um significante que transcorre toda

esfera civil, sobretudo nos países ocidentais onde temos a compleição das lutas populares. A noção de diversidade nos consente reconhecer a discussão dos debates públicos, nos quais a luta pela diferença e pela igualdade é imprescindível. As contestações sexuais, ao estabelecerem sua contrapartida enquanto sexualidades humanas corroboram a luta contra os padrões heteronormativo, que negam a equivalência de direitos entre distintas expressões e vivências sexuais. É a não adequação, aos olhos do discernimento vulgar, entre os sentidos dos seus corpos e os de suas práticas sociais e sexuais, que atribui às travestis um poder especial, confuso, uma brisa revolucionária e perigosa, mas ao mesmo tempo sedutora e libertária. Elas protestam e reinventam os próprios modos de fabricação dos sujeitos trazendo para si o poder de admitir suas curvas, seus desejos, suas práticas e significados do gênero. **Sexualidade, a travesti e o contexto escolar: tecendo os elos** Por onde andam, as travestis que chamam atenção e quase sempre são alvejadas com olhares indiscretos, pilhérias e atitudes preconceituosas. Quando isso sobrevém na escola, a violência normalmente é tanta que a travestir acaba abandonando os estudos. A decorrência disso é uma travesti marginalizada, sem acesso ao mercado de trabalho e sem probabilidades de promoção social. Bem sabemos que manter uma criança ou adolescente na escola já é uma tarefa árdua. O preconceito e a discriminação não precisam complicar ainda mais o papel do educador, pois, segundo os professores e funcionários entrevistados quando perguntamos a eles individualmente se eles já tinham presenciado algum tipo de preconceito que envolvesse questões sobre a sexualidade durante as aulas ou fora delas e como eles agiram, obtivemos as seguintes respostas:

Professor A: vários e intervir através do diálogo explicando que se deve respeitar o outro independente do que ele seja rico ou pobre, branco ou preto, e que se deve respeito até mesmo porque eles têm família e que poderia ter um desses casos na dele também.

Funcionário: já presencie, mas pra falar a verdade não intervir, pois sou

cristã e mim posiciono contra a esses indivíduos, sei que deveria ter intervindo, mas na hora não tive reação nenhuma.

Diante as falas do professor e do funcionário podemos analisar que o preconceito não surge apenas por parte dos alunos, mas também dos profissionais da educação. Porém, as instituições de ensino devem funcionar como ambiente de socialização que acrescente a convivência com a pluralidade e as diferenças de maneira saudável. Contudo, é percebido nas trajetórias escolares das travestis que, as relações nas instituições educacionais são assinaladas por preconceito, discriminação e evasão escolar já que não suportam o peso da diferença. A vida da travesti é rotineiramente marcada pela exclusão desde a branda idade, quando começa apresentar condutas diferentes do que é destinado para o seu sexo já que a concepção de gênero esta socialmente conferida à anatomia humana, ou seja, fêmea = gênero feminino bem como macho = gênero masculino. Na escola estes quadros de preconceitos acabam se tornando comuns por essas abordagens que se encontra cristalizados, quando perguntei aos alunos individualmente como era o relacionamento deles com pessoas que assumiam outra identidade de gênero, os mesmo se posicionaram da seguinte forma:

Estudante A: Não tenho nada contra, mas prefiro não me relacionar, pois são sempre muitos visados como escandalosos.

Estudante B: Sim um pouco eu só não gosto de ficar juntos e próximos de pessoa assim.

Estudante C: Me relaciono, igualmente com todos, acredito que cada um é responsável por suas escolhas, a mim, só cabe respeitar, se eu for tratado com respeito devolverei o mesmo respeito independente do gênero que a pessoa escolheu assumir.

Analisando as falas podemos perceber que as maiorias dos alunos se posicionaram parcialmente contra, deixando claro que interage com travestis. Entretanto, preferem não ficar muito próximas porque a travesti foge do padrão dos hetero que é uma ideologia que vem sendo repassada ao longo da nossa história. No entanto para aqueles que não estão dentro desta lógica binária à sociedade faz uso de estruturas sociais para enquadrá-los e

para reforçar a diferença entre os idealizados "normais" e "anormais" e o primeiro local onde estes jovens sentirão a diferença é no seio familiar. Kulick (2008) na sua etnografia com as travestis da cidade de Salvador - Bahia, constatou que elas tinham sido expulsas ou que decidiram sair de casa devido à forte discriminação sofrida pelos familiares por se encontrarem na fase de "bicha-boy". O autor ainda afirma que muitas travestis não tiveram a chance de decidir sobre sua estabilidade em casa após descobrir sua homossexualidade e travestilidade. A exclusão ou a convivência inimizada em casa e nos espaços públicos colabora para que a travestis perceba a fronteira da heteronormatividade os lugares dos excluídos e incluídos, ou melhor, dos normais e anormais dando aquelas que estão fora do modelo da normatividade à restrição do espaço social. (KULICK, 2008). As instituições de ensino deveriam ser um espaço que defendessem a diversidade e a individualidade de cada sujeito, mas funciona como local que demarca espaços e exclui o diferente. Segundo Louro (1997), a escola ensina, separa e institui, informa o "lugar" dos pequenos e dos grandes, das meninas e dos meninos, heterossexuais e homossexuais, sendo lugar de fabricação das diferenças e de práticas educativas homofóbicas. Esta fabricação ocorre de maneira sutil, quase imperceptível perpassando pelo controle do corpo e instituindo nele o que é serem menino e menina de modo cotidiano sendo concebido como práticas rotineiras e comuns e tomando as diferenças do construto social como algo natural. A escola na vida das travestis é mais um lugar de exclusão já que não tem perspectiva de afirmação da sua identidade. Segundo Peres (2005) as instituições educacionais apresentam dificuldades no trato da orientação sexual e de gênero, mostrando-se muitas vezes insegura e perdida diante das cenas que não estão presentes em seus manuais. Quando perguntamos aos professores de que forma eles promoviam durante suas aulas o respeito à diversidade sexual das pessoas, as respostas foram as seguintes:

Professor A: sim, através do respeito para que as pessoas aceitem as outras do jeito que elas são.

Professor B: trabalho a partir do momento que surge a oportunidade e através do diálogo mesmo.

Professor C: sim, através dos temas transversais dialogando com a turma.

Diante as colocações podemos verificar o despreparo dos mesmos para abordarem essas temáticas que são de suma importância para o desenvolvimento de uma “nova realidade”, de uma educação emancipatória. Desse modo, admite os modelos sociais de exclusão por interposição de ações violentas (discriminação e expulsão) ou de descaso fazendo de conta que nada está acontecendo (não escuta as denúncias). Sobre a sua vivência no processo escolar Gaby ressalta:

Uns mim aceitaram normalmente, falavam comigo, já outros mim rejeitava falavam que eu tinha que ser macho igual aos outros meninos, que eu era homem mesmo, ser macho, sabe?

(Gaby, travesti). O processo de estigmatização das travestis no contexto escolar é permeado por práticas preconceituosas e discriminatórias. Tais práticas são obtidas por colegas, professores e dirigentes. As agressões físicas e o descaso dos professores ou dirigentes frente às queixas das travestis levam-nas a usar o mesmo idioma cultural regressado para elas: agressividade e revolta, o que ocasiona o abandono dos estudos e, por conseguinte a marginalização. Esta exclusão ao espaço social que é a escola empurra as travestis para o gueto no contexto de exploração e marginalização que promove a sua adequação a uma realidade bastante singular o universo travesti que compõe uma complexidade de valores e significados próprios. Ainda de acordo com Wacquant (2004), gueto é uma forma particular de violência coletiva consolidada no espaço urbano. Para algum ambiente ser constituído como gueto são indispensáveis quatro elementos: o estigma, o limite, o confinamento espacial e o encapsulamento institucional. O gueto é uma forma de expedir os seus constituintes do contato constante com os “dominantes”, admitindo a colaboração e formação de identidade dentro da esfera restrita das relações criadas. Os guetos das travestis são através de pensões, hotéis, casas que além de ser uma aversão a heteronormatividade e a população homossexual de modo geral que também a exclui, é uma maneira de transferência de conhecimento, vivência e experiências de vida. Há também o “amadrinhamento” e o batizado quando mais velhas dão nomes sociais às mais novas e estas localizam no gueto um abrigo para a sobrevivência. (WACQUANT, 2004). Ao falar sobre o cotidiano das travestis na escola é imprescindível observar as categorias em que elas estão introduzidas já que muitas vezes o ambiente escolar se torna aversivo para a aprendizagem e o

desenvolvimento da sociabilidade dos sujeitos “diferentes”. Algumas cidades já permitem as travestis utilizem o seu nome social nas escolas. No entanto, elas querem mais que isso. Desejam que as escolas sejam um espaço que possibilitem a elas uma condição de vida menos excludente ao invés de ser um dos primeiros locais onde irão aprender sobre as dificuldades de ser travesti. A escola não tem alcançado acompanhar o ritmo de informações que ocorrem na complexidade da sociedade atual. Há um grande ânimo de profissionais da educação em buscar novas formas de aproximar a atenção do aluno na sala de aula. Deparamo-nos diariamente com distintas situações delicadas que não temos de imediato um posicionamento lacônico. Na maioria das vezes, nossa falta de segurança e não aprofundamento sobre determinados temas nos direcionam para uma atitude não satisfatória ao nosso senso crítico. Logo, permanecemos a manter a colocação da escola de reprodutora de estereótipos ultrapassados que não combinam mais com o perfil da sociedade contemporânea podemos afirmar isso com base nas respostas dos estudantes referente como a escola promove formas de respeito à diversidade sexual das pessoas?

Os estudantes interlocutores da pesquisa mencionaram:

Estudante A: Não. A escola, em seu processo de socialização enquadra as crianças no sistema binário de gênero para que ocupe lugar de homem ou mulher únicos lugares de gênero socialmente aceitos.

Estudante B: Sim, muitas escolas fazem paletas sobre o assunto ensina a respeita ele do jeito que são.

Estudante C: Não! As escolas são muitas vezes motivo de sofrimento para essas pessoas, professores e funcionários não têm preparação para lidar com esse assunto, e alguns colegas mais preconceituosos acabam influenciando a maioria que acabam excluindo essas pessoas do convívio com os colegas, esses são muitas vezes acolhidos por um pequeno grupo que os defendem, mas, não conseguem impedir as gozações e traumas que isso pode causar.

Percebemos por meio das falas que a escola continua a ignorar o trabalho com temas catalogados à diversidade, ao preconceito racial, às demandas de gêneros, sexualidade e orientação sexual. Precisamos de formação para conviver com a diversidade social no espaço escolar, respeitando as distintas

visões de mundo e valores, fortalecendo as atuações de combate à discriminação e aos múltiplos tipos de preconceitos existentes na sociedade. Diante disso, devemos assimilar conceitos que abrangem as temáticas da diversidade, etnia, gênero e sexualidade devem perpassar todo currículo de formação desde a Educação Infantil ao Ensino Superior. Esse fundamento teórico e metodológico possibilita uma reflexão na sala de aula para discutir sobre temas polêmicos como racismo, a equidade de gênero, sexualidade, opção sexual e outros temas correlatos. O profissional da educação deve converter a sala de aula em um ambiente colaborativo, com uma gestão de saber que envolve também aspectos humanos, culturais e sociais. No ambiente escolar, a discriminação sofrida pelo jovem em sala de aula causa muito desconforto que, conseqüentemente, deriva no abandono do aluno das suas atividades educacionais. Isso ocorre porque ele não consegue suportar a brincadeira de seus colegas. De fato, o professor não necessita ser um adepto do movimento LGBT nem tampouco erguer a bandeira em prol desse movimento. Contudo, deve pelo menos ter a maturidade de tratar com respeito à opção sexual de cada sujeito, como também saber lidar com os múltiplos assuntos que envolvem temáticas como sexualidade e trabalhá-los de forma que cooperem para que o aluno possa desconstruir preconceitos com relação à opção sexual diversa. Quando nascemos já somos inseridos em uma sociedade que já se encontra estruturados. Então, somos adaptados a compor essa conjuntura. A nossa "passividade" em acompanhar e obedecer às regras sociais alude na continuação de um modelo que escraviza o indivíduo e reproduz estereótipos que foram aprofundados ao longo de séculos. Nesse caso, devemos ser cômicos de que a escola sozinha não é responsável para alterar e modificar uma conjuntura social, mas que ela tem uma parcela de contribuição para que isso ocorra. É interessante mencionarmos que deve haver certa coerência, concordância e parceria de escola, família, igreja, mídia, sindicato, associações, etc. que compartilhe com os mesmos ideários de contribuir para a formação pessoal e intelectual do sujeito como construtor do conhecimento e de sua felicidade. Professores, diretores e funcionários não podem ser omissos perante situações de insulto e discriminação contra as travestis. Quando, por exemplo, alunos concebem apelidos maldosos e preconceituosos, é importante para a travesti saber que é apreciada pelo seu professor ou diretor da escola e que a comunidade escolar está empenhada com o respeito ao seu direito de vivenciar sua identidade de gênero livre de

agressões. Muitas vezes, são os pais dos alunos que se demonstram fortemente contra a presença de uma travesti na escola. Nesse caso, é importante advertir que:

- O acesso à educação é um direito de todo cidadão e cidadã, inclusive da travesti;
- Em toda escola é comum surgir situações difíceis que devem ser debatidas e decididas por toda a comunidade escolar: pais, professores, alunos, funcionários. Diferenças de raça e credo, o uso de drogas, violência e sexualidade são algumas situações prováveis.
- A presença da travesti é mais uma das questões que devem ser discutidas sempre sem preconceitos e com prudência clara de que ninguém deve ser privado da oportunidade de estudo. Todos nós somos livres para viver a sua identidade de gênero e orientação sexual, assim como é aberto para outras escolhas, como sua religião, profissão, aparência etc. Respeitar a identidade de gênero das travestis é tão respeitável quanto respeitar diferenças culturais, raciais, religiosas e todas as outras escolhas de cada sujeito. Outro problema bastante comum enfrentado pelas travesti nas escolas é qual banheiro elas devem usar, quando procuramos compreender como isso acontecia nessa escola com os alunos eles se posicionaram da seguinte forma:

Estudante A: o banheiro masculino, pois eles são travestis e não deixaram de ter o pênis.

Estudante B: Masculino as mulheres em sua maioria ainda sentem-se constrangidas com a presença de travestis em banheiros femininos.

Estudante C: Eu acho que seria normal mesmo sem restrição.

Estudante D: masculino até para que o respeito seja maior.

Isso nos revela que o banheiro aparece como um ambiente emblemático da construção das diferenças de gênero, um espaço caracterizado por jogos sexuais, descobertas, ameaças e potencialidades. Segundo Teixeira e Raposo (2007):

Os banheiros são espaços de alta densidade simbólica para a investigação das relações de gênero da sexualidade no contexto público e escolar. Materializam e expressam concepções e práticas de cuidado do corpo e do meio ambiente- já que são locais de depósitos das excreções-marcadas por

significados de sexo e gênero: como são arquitetados e organizados?

Como são usados?

Quem os mantém limpos?

Tais questões sugerem reflexões que articula gênero, sexualidade, corpo e educação. (TEIXEIRA; RAPOSO, 2007, p.1). A travesti é feminina. Ela se traja, se comporta, utiliza o banheiro, retoca a maquiagem e ajeita sua roupa. Por isso, sente-se mais à vontade frequentando o banheiro feminino, nas escolas, nas rodoviárias, nos aeroportos, em qualquer banheiro público. Permitir que a travesti usasse o banheiro feminino, faz com que ela se sinta mais à vontade. Em algumas escolas isso já acontece e, na prática, é muito menos complexo do que parece. Desse modo, ratificamos que Educação Sexual é muito mais que aulas sobre a Biologia e a Fisiologia da sexualidade. Refere-se a propiciar ocasiões para discussões, reflexões, debates em grupo, com os colegas, coordenado por um educador. Neste artifício, é muito importante o espaço que se disponibiliza para trabalhar dúvidas, sentimentos, emoções, atitudes e valores. Condições são imprescindíveis para que a Educação Sexual seja desenvolvida com êxito, nas escolas, ou em qualquer outra instituição. Uma delas é que se principie desde cedo, com a criança ainda pequena, no período escolar atualmente designado Educação Infantil. A outra, é o preparo dos educadores, tanto em sua formação inicial (nos cursos de graduação das Universidades), como em sua formação continuada, ou seja, no período de sua atuação profissional. Portanto, a escola como instituição formadora de opinião e com o dever de formar o aluno para a cidadania, não pode continuar disseminar ideias, conceitos que sustentem o preconceito e a discriminação contra a pessoa humana. Em pleno século XXI, não dá mais para se pensar em um ensino catalogado para a prática excludente, onde impera uma visão monolítica de sociedade. É imprescindível que, desde pequena, a criança compreenda, com naturalidade e calma, que as pessoas são diferentes em muitos quesitos, entre eles, o sexual. Uma educadora pode aproveitar uma matéria de jornal, por exemplo, que relata uma violência praticada contra um homossexual ou que narra que um casal homossexual efetivou a união civil, para ler com a classe e explicar sem preconceitos. É muito bom dar espaço para os alunos dialogarem sobre o assunto, para falarem o que sabem e o que pensam. O educador precisa saber ouvir. Se uma criança pequena pergunta o que é gay, deve-se explicar a verdade; se as crianças não perguntam, o professor pode colocar a palavra em algum exercício, por

exemplo, de modo a poder falar sobre o tema. Se não educarmos as crianças para o respeito à diversidade sexual, estaremos cooperando para aumentar o índice de homofobia, que é a aversão e a violência às pessoas LGBTI. Este trabalho será mais dinâmico se for desenvolvido num contexto de respeito a todo tipo de diversidade: religiosa, cultural, física, de etnia, de gênero, de cor etc. A crescente mobilização de diferentes setores sociais em favor do reconhecimento da legalidade de suas diferenças tem correspondido a uma percepção cada vez mais perspicaz do papel estratégico da educação para a diversidade. Ela é vista como fator fundamental para garantir inclusão, promover igualdade de oportunidades e encarar todo o tipo de preconceito, discriminação e violência, sobretudo no que se refere a questões de gênero e sexualidade. Assim, a escola e, em particular, a sala de aula, é um lugar excepcional para se promover a cultura de reconhecimento da pluralidade das identidades e dos procedimentos relativos a diferenças. Daí, a importância de se discutir no espaço escolar e questionando as relações de poder, as hierarquias sociais que oprimem inferiorizam e excluem uns em detrimento de outros que muitas vezes são prescritas e executadas no espaço do currículo escolar (SILVA, 2000; 2001).

Considerações finais A travestilidade passar a existir como uma questão importante, tendo em vista que desestrutura, significativamente, as teorizações pautadas numa concepção biológicas das sexualidades, que querem ajustar a identidade masculina e/ou feminina aos atributos genitais que o indivíduo apresenta. Com a finalidade de sugerir novas análises e discussões sobre o assunto, procuramos nesta pesquisa por meio de levantamentos e análises de dados, responder a alguns questionamentos que mencionamos no início da pesquisa. Com a assistência da observação participante podemos perceber que atitudes discriminatórias nas escolas são habitualmente comuns para a pessoa da travesti, os alunos interiorizam o que é repassado para eles e atuam de acordo com isso. As professoras buscam nas suas possibilidades suavizar essa situação com advertências e reclamações, tentando internalizar em seus alunos o que pode ou não ser dito ou feito. Os alunos agridem verbalmente a travesti nos corredores da escola, o preconceito e a discriminação podem ser vista em alguns desses momentos, quando alguns alunos se referem à travesti com apelidos discriminatórios enfatizando sua condição de travesti. De acordo com algumas atitudes observadas e falas averiguadas podemos perceber que os professores ainda possuem certa dificuldade ao trabalhar com a sexualidade

executando apenas pelos temas transversais e de forma superficiais. O professor compreende que é seu dever estimular a valorização da diversidade, no entanto, o mesmo não possui recursos e instrumentos para auxiliarem neste trabalho. Ainda que os livros passem por análises constantes ainda chegam ao seu destino trazendo visões corrompidas, levando a interpretações induzidas que fazem com que o aluno idealize todas essas ideologias. Captamos da travesti ser uma aluna aplicada, pois sempre muito participativa durante as aulas, mas que se demonstrou também em alguns momentos ser uma pessoa mais reservada. Diante da observação notei os esforços da mesma por uma educação de igualdade no qual ela possa transitar pela escola sem medos de encarar os preconceitos. A pesquisa revelou que a travesti busca desenvolver uma boa relação com todos, pautada no respeito ao próximo e que procura desempenhar sua função de estudante com êxito, pois a mesmas são marcadas por preconceitos e se não obtiver um bom estudo não poderá almejar um padrão de vida melhor. Ao analisarmos como a escola vem à participação, a frequência e o convívio da travesti no contexto escolar percebemos o preconceito por parte dos alunos principalmente do sexo masculino demonstrando, assim a ideologia que os mesmos absorveram ao longo desse processo histórico demarcada por preconceitos. Enquanto aos profissionais da área ficou evidente a falta de aptidão para trabalhar com essa nova realidade, desenvolvendo seu papel apenas nas intervenções de insultos a travesti. Esse trabalho de pesquisa proporcionou-nos a refletir sobre o meu próprio trabalho. Desse modo, enquanto futura docente sobre a importância de se demandarem ações sistemáticas que ofereçam aos profissionais da educação, bases conceituais e pedagógicas que melhor lhes dotem de instrumentos para combaterem com diferenças de orientação sexual e de identidade de gênero. Compreendemos ainda que as demonstrações da diversidade que devem ser acolhidas no quadro dos direitos humanos, numa perspectiva de emancipação buscando a valorização da diversidade que é um fator constitucional para o desenvolvimento de uma sociedade. Quem ganha com a inclusão é todos e todas. Acreditamos ainda que o reconhecimento de suas diferenças, de maneira a afirmar que cada cidadão, de maneira livre e criadora, possa ampliar seus talentos, desfrutando da igualdade de oportunidade e as mesmas probabilidades de expressar suas ideias, valores, sonhos, afetos e desejos. Assim, tendo em vista que a escola é um espaço determinante para contribuir na construção

de padrões sociais de relacionamentos pautados pelo reconhecimento e respeito à diversidade sexual, contra a violência, acreditamos que por meio da desmistificação e da desconstrução de representações sociais naturalizantes, estereotipadas e restritivas referentes a todas as minorias, dentre elas, a população LGBT, possamos construir uma sociedade mais justa, igualitárias nos seus direitos e plural para todos e todas.

BENEDETTI, **Marcos. Toda Feita**: O corpo e o gênero das travestis. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. GIL, Antônio Carlos, 1946 - **Como Elaborar Projeto de Pesquisa**. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2002. KULICK, Don. **Travestis**: Prostituição, Sexo, Gênero e Cultura. Ed. Fiocruz, 2008. LOURO. Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, Rio de Janeiro, Ed. Vozes. 1997. MINAYO, M. C. S. *et al.* **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2001. PERES, W. S. **Subjetividade das travestis brasileira**: da vulnerabilidade da estigmatização à construção da cidadania. Rio de Janeiro: Programa de Pós- Graduação em Saúde coletiva, Universidade Estadual do Rio de Janeiro. (Tese de Doutorado, 2005). SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documento de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. TEXEIRA, Adla B. Martins; RAPOSO, Ana E. S. Silva. **Banheiros escolares promotores de diferenças de gênero**. GT Gênero, Sexualidade e Educação. 30ª Reunião Anual da ANPED – Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Educação. Minas Gerais: Caxambu, outubro,2007. WACQUANT, Loïc. O que é um gueto? Construindo um conceito sociológico. **Revista de Sociologia e Política**, Vol. 23, Nº 0, Ano 2004.

Joseval dos Reis Miranda [i] Crislaine de Souza Ataíde[ii]

[i] Doutor em Educação e professor da Universidade Federal da Paraíba – Centro de Educação, Departamento de Metodologia da Educação, Camus I. E-mail: josevalmiranda@yahoo.com.br

[ii] Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba – Centro de Ciências Aplicadas e

Educação, Departamento de Educação, Campus IV. E-mail: crysataide@hotmail.com

Recebido em: 27/06/2016

Aprovado em: 28/06/2016

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Metodo de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: